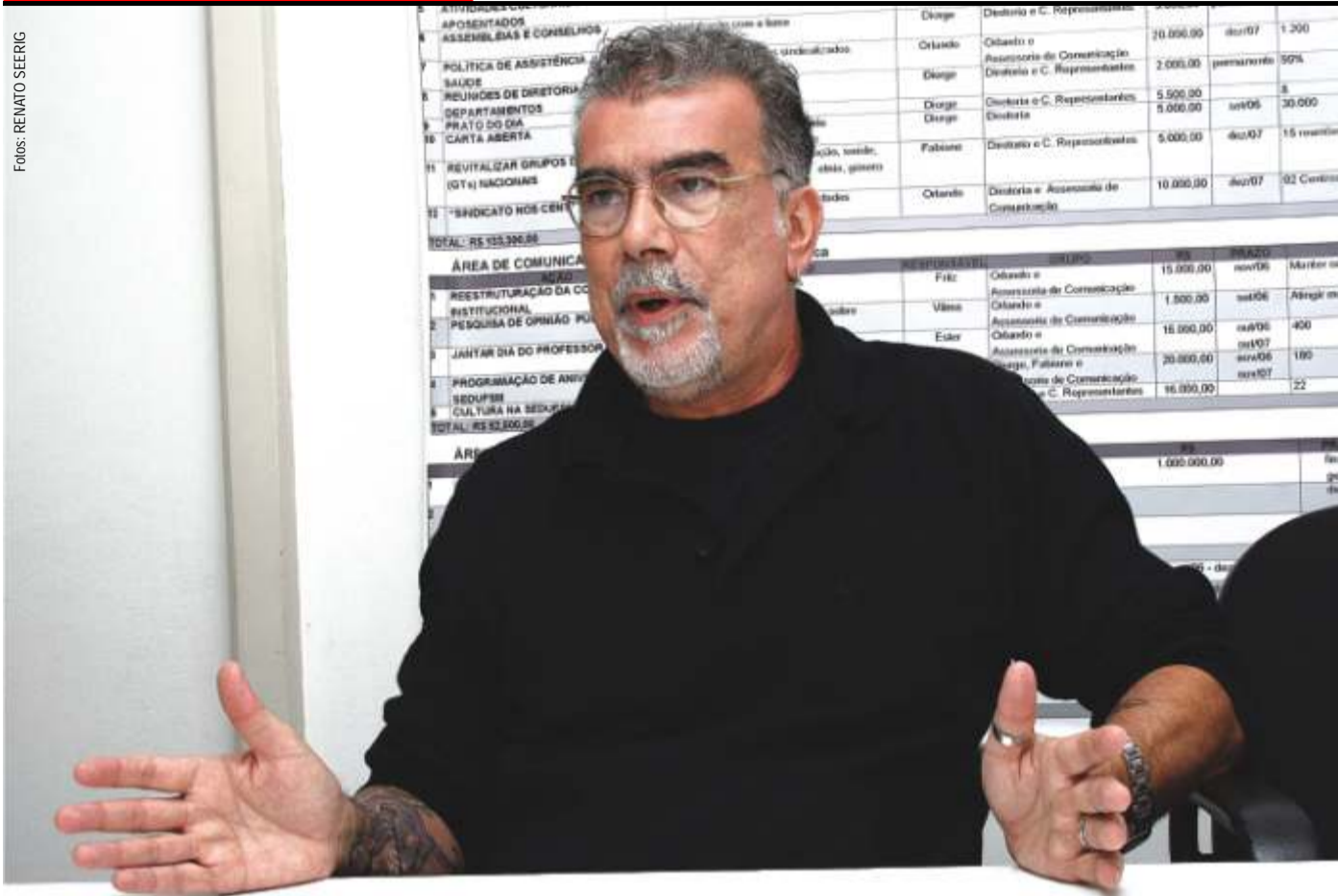


COM A PALAVRA

FOTOS: RENATO SEERIG



Quando se trata de analisar a América do Sul, especialmente Bolívia e Venezuela, ele é uma das autoridades no assunto. Conhecido também pelas suas aparições midiáticas, na medida em que faz comentários para o 'Jornal das 10', no canal a cabo, Globonews, e também para a TVE do Rio, o professor de História da Universidade Federal do Rio (UFRJ), Francisco Carlos Teixeira da Silva enfrenta situações pitorescas. Apesar de ser especialista em temas da contemporaneidade como as crises e movimentos da esquerda na América do Sul, quando é chamado, por exemplo, pela Globonews, geralmente é para falar de assuntos envolvendo o Oriente Médio ou outros lugares do mundo, bem distantes da nossa realidade. Na entrevista concedida ao Jornal da SEDUFSM, pouco antes da palestra "As novas esquerdas sul-americanas e o socialismo do século XXI", o doutor em História Social e Pós-doutor pela Universidade de Berlim, opinou sobre temas como o conceito de "revolução", que serve um pouco para que se entenda a característica da atual esquerda em nosso continente. Apesar de entender Brasil, Chile e Uruguai como governos que querem melhorar a atual realidade, Teixeira não enquadra de forma nenhuma esses governos como revolucionários. Num tom mais ácido, ele destaca que a reação das "élites" ao governo Lula demonstra, ao mesmo tempo, que esses setores dominantes são muito atrasados e, que, por outro lado, seria um tanto ingênuo por parte do governo Lula tentar acordos à direita achando que haverá um reformismo desses setores. "Isso jamais acontecerá", sentencia ele. Acompanhe a seguir os principais pontos da entrevista:

Francisco Carlos Teixeira

Lula nunca conseguirá reformar a direita

PERGUNTAS & RESPOSTAS

P- O enfoque principal de sua palestra (na SEDUFSM, dia 29 de novembro de 2007) foi "as novas esquerdas sul-americanas e o socialismo do século XXI". Que nova esquerda seria essa e que tipo de socialismo? Esse novo tipo de socialismo guarda alguma relação, por exemplo, com a experiência da Revolução Russa e do Leste Europeu?

R- Se aplicarmos o termo revolução de uma forma generosa, toda a revolução guarda semelhanças entre si. Ela é para o olhar externo, caótica, desafia a ordem, racionalidade, hierarquias, o senso comum, o que está assentado como o certo e o errado no momento. Isso não foi diferente com a Revolução Russa, a Chinesa, a Argelina, a Cubana, Francesa. Ela sempre faz isso, polariza a sociedade e opinião pública e todos que se envolvem. Sempre seremos emocionalmente favoráveis a revoluções ou absolutamente avessos a revoluções. Edmund Burke (político inglês do século XVIII) no seu livro 'Reflexões sobre a Revolução Francesa', começa com uma frase: "Eu odeio as revoluções". É exatamente isso, para alguns é uma festa, para outros um pesadelo. Toda a

revolução guarda em si essa polarização da sociedade e o aspecto caótico e de desafio ao bom senso assentado.

P- Tem alguma relação entre esse processo e os que orientam a nova esquerda sul-americana e o socialismo do século XXI?

R- Esse aspecto de caos e competição entre o estabelecido e o novo, de experimentação, tudo é igual. É como se estivéssemos falando da revolução como um evento, como um acontecimento, como um imenso *happening*. Nesse ponto são parecidas porque vemos um poder que está entrando em um caso e está sendo questionado de formas novas, não experimentadas ainda e fortemente questionadas. Agora, do ponto de vista ideológico, temos diferentes reações. Em primeiro lugar porque teríamos que pensar que estamos trabalhando com uma idéia de essencialismo revolucionário, que diz que tudo que é feito pela classe operária com um pensamento marxista formal é revolução - se for por aí não podemos classificar esse processo de revolucionário, nem ver paralelos. Se formos ao

invés de essencialistas, topológicos, e pensarmos a revolução como aquilo que se dá num espaço dentro de um espectro político. Quer dizer, o que se passa hoje na Bolívia ou na Venezuela e possivelmente no Equador, se o processo continuar avançando nessa direção, é uma dura crítica a todas as estruturas desiguais, injustas existentes nas repúblicas sul-americanas. Então, se estamos nessa posição, estamos à esquerda disso e esse processo é sim revolucionário e guarda uma relação comum com outros processos revolucionários como o de Cuba e União Soviética, porque está à esquerda do conservadorismo da sociedade. Entendo a esquerda e à direita como uma topológica e não uma essencialidade.

P- É revolucionário no sentido de transformador, de se contrapor ao estabelecido? O senhor enquadraria somente Bolívia e Venezuela nesse espectro que o senhor diz ou daria para enquadrar, de alguma forma Argentina, Chile, Brasil?

R- No caso de Argentina, Chile e

Uruguai, que me parecem com diferenciais muito próximos, eu jamais poderia chamar de processo revolucionário. O que os governantes nesses países fazem é uma gestão do estabelecido, tanto do ponto de vista das instituições políticas, quanto das hierarquias econômicas e sociais. Evidentemente eu não quero achar de maneira alguma que pessoas como Tabaré Vasquez sejam mal intencionadas ou conservadoras, mas ele não se propõe de maneira alguma a uma mudança das instituições, nem das estruturas sociais e econômicas. O que se propõe no Chile, no Uruguai e no Brasil é como eu posso gerir isso que está aí, polindo um pouco as arestas mais dolorosas do sistema, fazendo com que aquilo que mais escandaloso no sistema seja melhorado e que dê condições para as pessoas participarem um pouco mais e incluam-se nessas próprias instituições e hierarquias, mas de maneira alterá-las nesse sentido.

P- Mesmo assim, se percebe por parte dos setores conservadores uma forte reação a governos como o do presidente Lula. Eles chegam a querer